

# noticiário

**REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA**



O dr. Menezes Rosa quando assinava o *Livro de Honra* do RGPL, vendo-se em segundo plano o Consul Geral de Portugal e o sr. António Rodrigues Tavares. (Foto — cortesia de *O Mundo Português*)

● Dentro da programação que assinalou o primeiro contato oficial do novo Embaixador de Portugal com a comunidade portuguesa do Rio de Janeiro, S. Ex.<sup>a</sup> o dr. José Eduardo de Menezes Rosa visitou o Real Gabinete no dia 26 de outubro pp. Acompanhado do Consul Geral de Portugal, dr. Orlando Bastos Vilela, e de outros membros do corpo diplomático, o dr. Menezes Rosa foi saudado pelo sr. Antônio Rodrigues Tavares, Presidente do Real Gabinete, que, em nome da Diretoria, do Conselho Deliberativo e do quadro social, falou do desvanecimento com que a Instituição sempre recebeu todos os representantes diplomáticos de Portugal, bem como do apoio prestado pelos seus antecessores à ação cultural do Real Gabinete Português de Leitura.

Na oportunidade, o Embaixador de Portugal deixou gravada no **Livro de Honra** do RGPL a seguinte mensagem:

*É com profunda emoção que visito o Real Gabinete Português de Leitura, onde estão marcados traços impercível da cultura portuguesa como fruto da obra dos portugueses que, no Rio de Janeiro, fundaram esta Instituição, através dos anos preservada e beneficiada com tanta dedicação e patriotismo por gerações, e património das duas Nações, Portugal e Brasil, que nesta casa e nesta obra profundamente se irmanam.*

● Mantendo o ritmo das atividades dos últimos anos, o Centro de Estudos realizou dez cursos e um seminário em 1977: "A História em Questão", de 17 a 27 de janeiro, pelo prof. Lincoln de Abreu Penna; "A Nova Literatura Portuguesa", 15 março/29 abril, por Gramiro de Matos; seminário sobre "Experiência Educativa no Museu", efetuado em convênio com a AMICOM-BR, nos dias 2, 3 e 4 de março; "Problemas do Ensino de Português", com a prof.<sup>a</sup> Caetana Regis Batista, de 4 de maio a 1 de junho; "Introdução à Pedagogia", 1 agosto/2 setembro, com a prof.<sup>a</sup> Zilda Guapyassú; "Noções de Psicologia", prof.<sup>a</sup> Eutália Mendes, de 9 a 25 de agosto; "Aspectos Atuais da Realidade Brasileira", em convênio com a Liga da Defesa Nacional e a Escola Superior de Guerra, de 30 de agosto a 14 de outubro; "Herculano, Cem Anos Depois", com professores da UERJ, UFRJ e UFF, de 13 de setembro a 6 de outubro; "Iniciação à Arqueologia Brasileira", em convênio com o Instituto de Arqueologia Brasileira, entre 10 e 27 de outubro; "Nascimento e Configuração da Literatura Brasileira", planejado por Eduardo Portella e realizado com professores da UFRJ, de 7 a 11 de novembro; "Da Psicologia Histórica à História das Mentalidades", de 14 de novembro a 1 de dezembro, com os profs. Antônio Gomes Penna e Lincoln de Abreu Penna; estando previsto para dezembro um curso em comemoração ao Centenário de José de Alencar, com os drs. Gladstone Chaves de Melo, Maximiliano de Carvalho e outros.

● Além destas promoções, o Real Gabinete realizou uma belíssima mostra de condecorações de ordens onoríficas famosas de todo o mundo, organizada pelo numismata João Fernandes Penna; uma exposição bibliográfica comemorativa do Centenário da morte de Alexandre Herculano, preparada pelo prof. F. L. Borges Silveira; encerrando estas programações com a Exposição Internacional de Ex-Libris, inaugurada no salão da biblioteca do RGPL, em 12 de dezembro, pelo sr. Jayme Borges de Araujo.

## EDUCAÇÃO E CULTURA



**Mário Sottomayor Cardia**  
(A Luta, 1-VII-1977)

● Sem recorrer à repressão, mas, simplesmente, fazendo cumprir intransigentemente os dispositivos da lei, o Ministro da Educação e Investigação Científica, dr. Mário Sottomayor Cardia, conseguiu controlar a crise da Universidade de Coimbra, decorrente dos protestos estudantis, pela reintegração de seis professores saneados após o 25 de Abril.

● Foi de 10.896 o número de vagas fixado para o 1º ano do Ensino Superior das diversas Faculdades e respectivos cursos das Universidades de Aveiro, Coimbra, Lisboa, Minho e Porto; Universidade Técnica de Lisboa e Institutos Superiores dos Açores e Évora; Escolas Superiores de Belas-Artes de Lisboa e Porto; Institutos Politécnicos de Vila Real e Covilhã. Na Universidade de Lisboa, 6.203 alunos disputaram 2.610 vagas.

● A mulher portuguesa continua a superar os preconceitos que lhe impõem uma série de restrições profissionais. Seis jovens alunas do curso geral da Escola Náutica Infante D. Henrique concluirão no próximo ano letivo as especialidades de radiotécnica, pilotagem e máquinas, habilitando-se ao oficialato da Marinha Mercante.

● A Universidade Nova de Lisboa, que reúne no seu corpo docente a fina flor da intelectualidade Portuguesa (Vitorino Magalhães Godinho, António José Saraiva, José-Augusto França e outros), já começou a dar frutos no terreno da pesquisa. A drª Graça Almeida Rodrigues deu-nos agora a edição crítica e comentada da "Crónica do Príncipe D. João" de Damião de Góis, editada pela referida Universidade e inserta na Série "Investigação" de Ciências Humanas e Sociais.

● O dr. António José Saraiva, que esteve recentemente em São Paulo, Santos e Rio de Janeiro para ministrar uma série de conferências sobre Alexandre Herculano, está estudando o convite da Universidade de Campinas — UNICAMP para vir lecionar no Brasil, já no próximo ano letivo.

● O Reitor da Universidade Clássica de Lisboa, dr. Henrique João Barahona Fernandes, proferiu em 14 de julho último, no Anfiteatro I da Faculdade de Letras de Lisboa, a sua última lição, que pôs termo a 47 anos de atividade docente no campo da Medicina. Entre outras coisas, a Medicina portuguesa deve-lhe a fundação, com António Flores, do Hospital Júlio de Matos (1940).

**Prof. Barahona Fernandes**



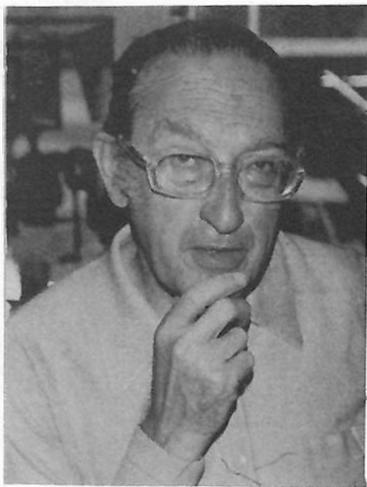
● A Universidade do Minho acaba de receber um patrimônio avaliado em cerca de 300 mil contos, deixado em testamento pelo comendador António Augusto Nogueira da Silva, de Braga.

● Com um acervo de quase oito mil peças — incluindo, por exemplo, um vestido que pertenceu a Josefina Bonaparte —, foi inaugurado a 26 de julho, em Lisboa, o Museu Nacional do Trajo.

● A residência de Manuel Mendes (Rua S. Francisco Xavier, 52, no Restelo), literato e artista plástico que homenageamos no último número de "Convergência", foi entregue ao Estado pela sua viúva, em solenidade realizada em 19 de agosto. A casa, que desempenhou importante papel na vida do escritor, será transformada num pequeno museu.

● O Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian já indicou o eventual sucessor do dr. José de Azeredo Perdigão, na presidência da Instituição. Trata-se do sr. Robert Gulbenkian, de nacionalidade francesa (Argel, 1923), mas naturalizado português em dezembro de 1969.

● Para realizar uma série de pesquisas no Rio de Janeiro, Salvador, Ouro Preto, Mariana, Congonhas do Campo, Recife e Olinda, além de realizar uma conferência na Universidade Federal da

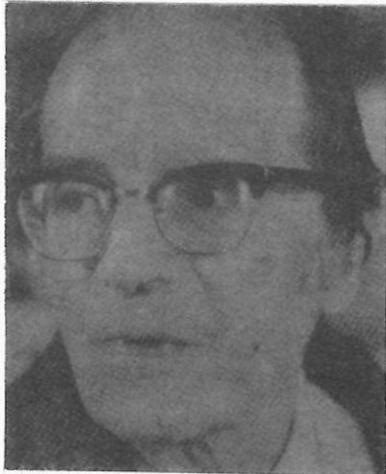


Fernando de Pamplona

Bahia sobre as conexões entre o barroco português e o brasileiro, esteve entre nós, em outubro/novembro, o crítico e historiador da arte português **Fernando de Pamplona**, membro da Academia Nacional de Belas-Artes. Visitando o Real Gabinete Português de Leitura, cuja arquitetura e pinacoteca impressionaram-no vivamente, teve a oportunidade de mostrar o seu estudo sobre a Igreja de Santo Isidoro (Marco de Canaveses), publicado em Lisboa, em 1976.

## FALECIMENTOS

Prof. Mário Silva



● Portugal perdeu um dos seus maiores cientistas neste século, o prof. dr. **Mário Augusto da Silva** (Coimbra, 1901-1977), cuja morte, em 13 de julho, deixou enlutado o Real Gabinete Português de Leitura, a cujo quadro de conferencistas honorários pertencia. Antigo assistente de Madame Curie e doutor em Ciências pela Universidade de Paris (1928), foi catedrático e diretor do Laboratório de Física da Universidade de Coimbra, além de criador e primeiro diretor do Museu Nacional da Ciência e da Técnica, recentemente instalado em Coimbra.

● Morreu em 22 de julho o jornalista panfletário brasileiro **Gondim da Fonseca**, profundo conhecedor da obra de Eça de Queirós..

- Na Casa de Retiros do Bom Pastor, em Benfica, morreu, em 1<sup>o</sup> de agosto, o Cardeal Patriarca de Lisboa (1929-1971), D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Natural de Santa Marinha do Lousado (1888), foi catedrático da Universidade de Coimbra e deixou como obra mais importante "O Renascimento em Portugal — Clenard", tese de doutoramento (1918) que tem várias edições.

- Faleceu em São Paulo, onde se radicara há anos, o pintor **Cândido Costa Pinto**, artista de grande projeção no mo-

vimento surrealista português, autor de "Aurora Hiante", um dos mais importantes quadros daquele movimento. Entre outras mostras, participou da Exposição Internacional do Super-Realismo (Paris, 1947) e Bienais de Veneza (1950) e São Paulo (1951).

N.E. *No último número de "Convergência", ao acusar o falecimento do sr. António Pedro Rodrigues, por lapso, dissemo-lo fundador da "Livreria Camões", quando em realidade o foi da "Livros de Portugal".*

## TESES E CONCURSOS

- **Antonio Sérgio Mendonça**, professor de Semiologia do curso de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e atual diretor do Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, defendeu sua tese de doutoramento em 26 de maio de 1977 na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo como professor orientador Eduardo Mattos Portela. Participaram da banca examinadora os professores: Leodegário A. de Azevedo Filho, Emmanuel Carneiro Leão, Liba D. Beider e Maria do Carmo Pandolfo. A aprovação com nota máxima, excelente, não surpreendeu nem aqueles que já conheciam a seriedade de suas pesquisas no campo da teoria literária, nem a seus professores do curso, pois obteve conceito A em todas as disciplinas cursadas.

O assunto de sua tese de doutorado, **Aventura Semântica no Imaginário**, retoma a opção de leitura metafórica lançada em sua dissertação de mestrado. (Por uma Teoria do Simbólico. Rio de Janeiro, Vozes, Coleção mestrado, volume II, 1973), principalmente na leitura de Dão Da la Ião de Guimarães Rosa. No entanto, Por uma teoria do simbólico não teve a profundidade e a especificidade desenvolvidas em **Aventura Semântica do Imaginário**. Neste último, Antonio Sérgio estuda o impasse da crítica estrutural — formalismo X monismo sociológico — identificando essa dicotomia, nas contribuições de Greimas e Goldmann. Opta por definir a literatura como a instauração de um texto paralelo ao contexto, o texto diz o Outro deste contexto.

Para isto recorre à contribuição metafórica (definida conforme Jacques Lacan) e a vê identificada com uma matriz hegeliana de pensamento: a categoria de Figura (Fenomenologia do Espírito de Hegel) e a categoria de Alegoria (origem do Drama Alemão de Walter Benjamin).

A partir deste projeto, lê os textos de Guimarães Rosa (A terceira margem do Rio e Cara de Bronze) como produtores do "entre-lugar alegórico" ou da "terceira-margem", entendendo estes como o lugar da cena do literário, do não-dito. Em seguida, analisa os textos produtores desta aventura semântica em direção ao recontar o simbólico como cena paralela, ou seja, em direção ao imaginário.

Antônio Basílio Rodrigues

- **Júlio Carvalho**, professor de Literatura Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, U.E.R.J., defendeu tese de Livre-Docência no dia 1 de julho de 1977.

Subordinada ao tema "O sentimento de morte na poesia de Mário de Sá-Carneiro", "a tese foi arguida pelos professores Leodegário A. Azevedo Filho, da U.E.R.J., Presidente da banca examinadora, Antônio José Chediak, da USU, Jesus de Belo Galvão, da UFF, Olmar Guterres da Silveira, da U.E.R.J., e Odylo Costa, filho, da Academia Brasileira de Letras.

Foi preocupação de Júlio Carvalho a originalidade na abordagem e no tratamento do tema desenvolvido, escopo plenamente atingido. A tese orientouse por duas perspectivas: uma teórica, a

respeito do fato literário, e outra prática, que compreendeu a poesia de Mário de Sá-Carneiro. Intimamente relacionadas entre si, a divisão em duas partes obedeceu apenas a um artifício que melhor configurasse a elaboração de um trabalho intelectual. Partindo da idéia de que na obra de certos poetas há como um tema latente que preside e determina a produção dessa obra, Júlio Carvalho propôs-se detectar aquilo que poderíamos chamar de "significação profunda" do texto literário. No caso particular de Sá-Carneiro o autor da tese concluiu e provou pela leitura crítica de sua poesia que este tema é a morte.

Além da defesa de tese, Júlio Carvalho submeteu-se a prova de títulos, escrita e de aula.

Os graus obtidos em todas as fases do concurso comprovam a preparação e a competência de Júlio Carvalho, tanto em Teoria Literária como em Literatura Portuguesa.

Nadiá Ferreira Mendonça

● **A Mitogênese do Teatro de Bernardo Santareno** foi o tema da Dissertação de Mestrado de Maria Aparecida Ribeiro, professora de Literatura Portuguesa do Instituto de Filosofia e Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, U.E.R.J., argüida dia 24 de outubro na Faculdade de Letras da U.F.R.J. A banca examinadora, constituída pelos professores Liba Beider, Mario Camarinha da Silva e Leodegário A. de Azevedo Filho, atribuiu ao trabalho a menção Ex-celente.

Tomando como "corpus" as peças *O Duelo*, *O Pecado de João Agonia*, *A Promessa*, *O Crime de Aldeia Velha*, *Anunciação*, *O Bailarino*, *O Lugre* e *Antônio Marinheiro o Édipo de Alfama*, o estudo mostra, com base nesta última, e exemplificando com as demais, os elementos fundamentais do teatro de Bernardo Santareno e revela o que as relações entre esses elementos despertam no espectador/leitor: uma espécie de fórmula mágica que se constitui no mito próprio da peça.

Para melhor desenvolvimento, os elementos foram estudados como sintáticos e/ou semânticos. Assim, a fábula, o coro, os profetas, o cenário, o sonho, os animais, a crença, o amor são abordados.

A fundamentação teórica para a análise dos aspectos simbólicos estruturou-se em uma original leitura de Jung, Bachelard e Gilbert Durand, enquanto a composição do trágico nas diversas peças foi examinada a partir da *Poética* de Aristóteles, como texto de referência.

Júlio Carvalho

● Entre os dias 5 e 12 de setembro último realizou-se no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da U.F.R.J., o concurso para Livre Docente, setor História do Brasil, da Prof. Dra. **Célia Freire d'Aquino Fonseca**.

O edital de concurso exigia apresentação de tese inédita, defendida pela candidata, com o título de "ECONOMIA NATURAL E COLONIZAÇÃO DO BRASIL — Estudo das doações de sesmarias de Pernambuco: 1534-1843" perante uma Banca Examinadora composta pelos Profs. Drs. Arthur Cezar Ferreira Reis, Pedro Calmon Moniz Bittencourt, Djacir Lima Menezes, Eremildo Luiz Vianna, Fernando Sgarbi Lima que, tendo viajado, foi substituído pelo Suplente, Prof. Dr. Vicente Costa Santos Tapajós.

Trabalho de grande importância e alto valor científico uma vez que a análise do documento histórico — foram pesquisados, entre inúmeros outros, 639 cartas de doações de sesmarias — interpretado dentro do contexto histórico, representou a base de todas as questões levantadas. Já bastante conhecida no meio universitário e intelectual em geral pela sua enorme capacidade de pesquisa, grande embasamento metodológico e seriedade de trabalho, a autora nos apresenta um importante estudo da estrutura colonial brasileira. Abordou, de maneira elucidativa e direta, o problema da propriedade de terras no Brasil e o significado dos recursos naturais na colonização e na economia. Baseou-se, sobretudo, na análise dos documentos de doações de sesmarias (que são pela primeira vez estudados nesta perspectiva) para explicar como foram lançados os alicerces da produção rural, bem como as características econômico-sociais da organização geral do Brasil. Ao ressaltar o senso de realidade e pragmatismo dos portugueses na colonização do Brasil, a autora esclarece como as doações de grandes extensões

de terras estavam condicionadas ao seu aproveitamento efetivo, "além da lúcida consideração das necessidades de uma produção em bases sobretudo de economia natural". Dentro de uma visão estrutural analisa os fundamentos da organização econômica da Colônia, observando como tais fundamentos repousam na economia de tipo natural. Esse tipo de economia predomina tanto nas bases materiais de produção e mão-de-obra utilizada, como no sistema comercial à base de trocas, ao invés do sistema monetário. Enquanto a produção em bases predominantemente naturais cabia aos colonos, o financiamento e a comercialização cabia à Metrópole e aos centros condutores da economia mundial. Esses centros, agindo de acordo com as normas da economia monetária, controlavam os lucros com grande margem de capitalização e conseqüente possibilidade de investimentos, acarretando acumulação de capital quase que apenas do lado europeu. Abordando os pontos fundamentais das estruturas brasileiras, destaca, a autora, a importância do tipo de economia predominante, e as conseqüências da dicotomia dos dois tipos de economia em contacto — natural e monetária — na produção colonial. O estudo, portanto, é realizado dentro do seguinte contexto: economia colonial

subordinada à Metrópole, muito mais monetarizada, e esta, por sua vez, intimamente relacionada e dependente da economia mundial. O estudo, aliás, da colonização, conseqüente e relacionado à economia metropolitana e mundial já foi feito, em tese anterior de doutoramento, na USP, pela autora (em curso de publicação pelo IHGB — INL).

Na nova tese que comentamos, a autora salienta, ainda, como o tipo de economia existente influenciou na caracterização do sistema de produção, na organização social e nas atividades gerais, isto é, por que caracterizou o sistema econômico-social do Brasil o latifúndio, a escravidão e a monocultura. Assim fica demonstrada a importância de tal estudo para o esclarecimento da problemática do sistema agrário brasileiro, não apenas do passado como do presente, uma vez que são aspectos essenciais para se entender certas dificuldades de atualização do processo de desenvolvimento do Brasil.

Trata-se, portanto, de um trabalho extremamente interessante e necessário a todos aqueles que se dedicam ao estudo de História, e muito importante para o conhecimento de pontos fundamentais das estruturas brasileiras.

Maria de Lourdes Viana Lyra

## RECENSÕES

**63 Tisanas (40-102), de Ana Hatherly. Lisboa, Moraes Editores, 1973 65 pp.  
(Círculo de Poesia)**

Conseqüência de uma pesquisa sobre as estruturas da narrativa, as Tisanas de Ana Hatherly constituem pequenos (apenas em extensão) fragmentos em que se procede à investigação de variados aspectos do cotidiano. Captação interessante, que mistura realidade e non-sense e de que resulta, pelo efeito de estranhamento, a criação de um espaço de existência impossível em que é constante a redução fenomenológica do real.

Através de uma sintaxe despojada, a autora devassa o mundo recôndito de tudo aquilo que, comumente, passa despercebido: a beira do rio, a porta, as moscas, a porca Rosalina, o suicídio dos objetos habituais. Estes são alguns dos motivos submetidos a um processo de redução fenomenológica onde tudo o que se revela expletivo é posto "entre parenteses", para que sua essência ecloda em plenitude. Uma projeção induzida poeticamente, mas que não se furta ao mergulho de teor filosófico, despido de pretensões metafísicas, embora atento à necessidade de o homem reintegrar-se no mundo natural a que pertence e de que a civilização, passo a passo, o vai expulsando.

É a partir do ato de pensar, constantemente praticado pelas personagens das Tisanas, que se desencadeia o desfilar de obsessões e traumas gerados na consciência conflituosa de quem se põe a questionar o mundo e o sentido da existência. Seres em trânsito (ora indo para casa. Tisana 60; ora a caminho do trabalho, Tisana 61) marcados pela visão mesclada de ironia e pessimismo, extraem do real os elementos básicos para a criação, sempre contestadora e alerta, de um plano mágico em que a narrativa possa decorrer e discorrer sobre os desconcertos das "relações entre os indivíduos" (Tisana 60), ou ainda

para considerar a ilha de naufragos, onde os naufragos, cansados e rejeitados pela água culminam por naufragar de novo. Contra esta ilha as águas do mar eram duma solidez in-crível. (Tisana 93).

Instalados pela dupla articulação do pensar e do agir, os tempos verbais empregados por Ana Hatherly, lidos no nível do grande sintagma construído pelas 43 Tisanas que compõem o livro, transformam-se no próprio tempo do narrar. Assim, a narrativa parte da fixação do presente (o ato apreendido no agora, o ser colhido no ato de fazer): "estou" (Tisanas 40 e 45), chega ao pretérito: "ia", "foi", "regressava" (Tisana . . . 48, 52 e 53), e se adensa no "era uma vez" que se faz presente em quase todas as Tisanas, a partir da 70 até a 102, com uma única exceção na de número 96.

"Era uma vez" que se transforma no tempo estratificado, mítico, onde pode ser recriado o real para que a faneca, o melro, a mosca, o regato de cristal de gesso saiam de seu habitual mutismo e, vivos, tecam a longa rede de sufocação e náusea em que se encontra prisioneiro o mais silente dos sinais desse mundo absurdo criado pela autora: o homem. E silente porque apenas através da permanente contemplação das coisas, da natureza, o homem das Tisanas encontra a possibilidade de descobrir sua própria voz. Interpenetrando-se com o inanimado é que ele consegue explodir em toda a sua força humana: "Era uma vez uma história tão impressionante que quando alguém a lia o livro começava a transpirar pelas folhas. Se o leitor fosse muito bom o livro soltava mesmo algumas pequenas gotas redondas de sangue" (Tisana 80).

A necessidade de captar um novo tempo para o dizer do homem é tão premente que, na Tisana 70, justamente a que desencadeia o fluxo contínuo do "era uma vez" encontramos um relógio anacrônico no qual as horas "sorriam pendentes do tecto". Horas, que "rolavam pela sala" e tinham o som de um "riso de prata" que não existem para marcar o tempo cronológico, já que o relógio é ana + crônico, mas que, para soar, para serem horas, carecem de atingir a sala, invadir o espaço, penetrar e instalarem-se no mundo. Ser, no tempo e no espaço?

Na Tisana 68, também iniciada por "era uma vez" surge-nos a figura da serpente infinita, que, por ser infinda, não havia maneira de se saber onde estava sua cabeça. Na Tisana 69, temos a história que, como a serpente, é infinita e pode ser interceptada em qualquer ponto. As Tisanas, até agora em número de 102, também podem, teoricamente ser infinitas e lidas a partir de qualquer uma delas. Mas esta não é a única conclusão que se pode extrair desse recurso artesanal: no momento em que a história é definida pela autora como infinita "a história é infinita, podemos interceptá-la em qualquer ponto", a partir daí, a quase totalidade das histórias-infusões-tisanas" vai-se passar no tempo do era uma vez. E nesse tempo mágico, no mesmo tempo em que se contam as histórias de folclore e tradição, surgirão personagens capazes de se enquadrar em qualquer tempo, seja ela presente, passado ou futuro, desde o computador, o tecido de vidro até a inusitada faneca.

Na estrutura subjacente às Tisanas, em que o tempo desempenha papel fundamental, conjuga-se, podemos dizer, uma oposição básica: finitude X não finitude. O homem, finito no tempo, torna-se infinito na "história". E caminha por entre o novo tempo, mágico e absurdo, das Tisanas, em que se faz a descoberta da possibilidade de existir um jogo de xadrez. (Tisanas 71) de que nenhum dos participantes têm as peças. Um jogo cujo significado se multiplica e do qual se pode extrair, entre outras imagens a do curso da vida (que seria uma longa e linear história) em que se joga (o que seria outra história, não mais longa nem linear, mas simultânea e descontínua) não o xadrez, mas o próprio dever do homem.

As Tisanas revelam-se mais uma experiência estética válida produzida por uma artista que se move com igual valor, na pintura e atualmente, no cinema de arte.

As Tisanas, "infusões e não efusões" conjugam também, ludicamente, a possibilidade de conotar, além de mezinha, infusão medicinal o próprio nome da autora, conforme depoimento dela mesma. O que não é de estranhar, pois Ana Hatherly, nas 39 Tisanas (Empresa Industrial Gráfica. Col. Gêmeos, Porto, 1969), nos diz: "Sou uma artifice que manipula e interroga a matéria com que trabalha". TisANAs?

**A FLORESTA EM BREMERHAVEN, de Olga Gonçalves. Lisboa, Seara Nova, 1975, 163 pp. (coleção "Ficcionistas Portugueses").**

Não é muito pródiga a literatura portuguesa no que diz respeito ao tema emigração, embora o seu potencial seja obviamente riquíssimo. Talvez "A Selva", de Ferreira de Castro, ainda seja o livro mais complexo a respeito, ainda que "escrito de fora para dentro" (o autor desenvolve a temática no Brasil). Quanto a "Emigrantes", de Joaquim Paço d'Arcos, não chega a ser um livro memorável, até porque o autor viu a emigração apenas como um assento a mais para desenvolver a sua criatividade. Daí que o resultado do seu trabalho redunda quase sempre em lágrima fácil, em vez da sempre necessária densidade dramática que o tema requer.

Olga Gonçalves saiu da poesia para a ficção/novela/reportagem. Uso às três palavras, muito embora tenhamos pela frente uma espécie de jornalismo ficcional. O certo é que a autora não precisou sair de Portugal para nos oferecer um relatório preciso e contudente da mentalidade do emigrante típico. Distanciando-se com perfeição — as personagens dialogam com a autora, mas esta jamais responde diretamente — Olga "dá corda ao assunto" tentando oferecer um rico material sociológico. Consegue.

Não deixa de ser curioso o título da obra — "A Floresta em Bremerhaven" — localizada na Alemanha, para onde Olga Gonçalves faz transportar os sonhos do emigrante, obrigada a 12 horas de trabalho diário. Trabalho, trabalho, quanto mais trabalho, mais dinheiro arrecadado, conseqüentemente o regresso e a aquisição da casa própria.

A autora desenvolve, com uma minúcia impressionante, a vida de um casal emigrante, radicado na Alemanha. Os pormenores do dia a dia saltam para o papel através de um diálogo simples, sem rebuscamentos, fixados pelos próprios emigrantes. Os sonhos, o dinheiro, a viagem, o retorno. E há também política, como nesta frase, certamente oportuníssima: Na Alemanha . . . "é oito horas trabalhadas agora, que noutra tempo, contaram-me os alemães, depois da guerra, trabalhavam oito horas para receber e mais duas horas que não recebiam. Era pró Estado, para ajudar o país. Por isso me admirei quando ouvi dizer que depois dos 25 de abril que os portugueses estavam satisfeitos, que queriam trabalhar só trinta e cinco horas".

Os preconceitos, o disse-me-disse, as atitudes comezinhas, a pequenez, a ascensão pequeno-burguesa, os sonhos ingênuos, a esperteza saloia, a mesquinhez, mas também a grandeza instintiva do povo, estão presentes na "Floresta em Bremerhaven". Escrito num período difícil, logo após o "25 de abril", a autora consegue abstrair os aspectos casuísticos e publicar apenas o material de maior alcance, visando o amanhã. Trata-se de uma reportagem/ensaio, mas bem que Olga Gonçalves poderia aprofundar o assunto emigração, pois ela possui todo o potencial dramático necessário para a elaboração de um romance definitivo sobre o tema. De qualquer maneira, e na pior das hipóteses, a "Floresta de Bremerhaven" é um verdadeiro "leitmotiv" para outras obras no gênero.

José Alberto Braga

**O NEO-REALISMO LITERÁRIO PORTUGUÊS, de Alexandre Pinheiro Torres, Lisboa, Moraes Editores, 1977, 226 pp.**

Não é de hoje que Alexandre Pinheiro Torres estuda e questiona o Neo-Realismo em Portugal. Em duas obras anteriores, *Poesia, Programa para o concreto*, 1966, e *Romance: o mundo em equação*, 1967, o ensaísta já deu provas de sua competência e de profundo conhecedor da corrente literária de que Gaibéus de Alves Redol foi o romance introdutor.

Sem dúvida, não se pode ignorar a contribuição de Pinheiro Torres para compreensão e estudo do Neo-Realismo, qualquer que seja a fundamentação ou a metodologia crítica de cada leitor ou estudioso.

Em *O Neo-Realismo literário português* explica Pinheiro Torres: "Achei vantajoso incluir alguns textos de elucidação metódica básica, como *O que é o Neo-Realismo?*, de objetivos didáticos sem quaisquer ambições escandalosas quanto a elementaridades, alimentadas por uma grande carência de prosas simples em que se tente explicar, sem pompas de erudição inútil, os abecedários da mais trivial cultura literária".

Dessa forma, neste volume o Autor analisa certos valores que precederam o Neo-Realismo, talvez não tanto para explicá-lo, mas principalmente para melhor delimitação e diferenciação relativamente, por exemplo, ao Realismo/Naturalismo.

Na sua amplitude, este novo livro de Pinheiro Torres compreende desde o que ele denomina "A cartilha literária da submissão da mulher", na Carta de Guia dos Casados de D. Francisco Manuel de Melo, até ao que afirma "Um exemplo de questionar metafísico do Neo-Realismo" instituído pelo romance *Bolor* de Augusto Abelaira.

Pela sua extensão e diversidade torna-se difícil em breve nota um comentário mais elucidativo e valorativo deste *O Neo-Realismo literário Português*, que compreende mais de vinte núcleos de estudo. No entanto, persiste a unidade de ponto de vista crítico e ainda que questionáveis aqui e ali (talvez mais por ininteligência nossa do que por insuficiência ou parti-pris do Autor) as teses defendidas revelam o nível do pensador que as propõe e desenvolve: Alexandre Pinheiro Torres.

Antônio Basílio Rodrigues

### ANAIIS DO I CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DE LINGÜÍSTICA E LITERATURA

Sociedade Unificada de Ensino Superior Augusto Motta. (5 a 12 de janeiro de 1976).  
Rio de Janeiro, Editora Corujinha, 1977 306 pp.

Em virtude, talvez, da rápida expansão do ensino universitário, não tão desordenado quanto tardio, surgiram centros de profissionalização para atendimento a uma expansão de determinados setores da sociedade. Entre esses atropelos, a Universidade tem seu papel invertido. Que não cabe aqui discutir. Os numerosos centros e entidades (não tão universais) organizam congressos para afirmarem sua expansão. Os congressos, em geral, não realizam os fins propostos, embora desejáveis. Contribui para isso uma série de circunstâncias, dentre as quais o fator tempo, que faz com que muito se fale, pouco se escute e ainda menos se pense. Aliás é uma das contradições do sistema. Pode ser que o maior benefício decorra do que se faz à margem das conferências e comunicações: o encontro humano, o surgimento de amizades. Ainda bem que o humano supera o sistema. Mas tais encontros têm um meio de tornar os fins propostos mais concretizáveis e o acontecimento mais duradouro, através da publicação dos anais. O registro dirá até onde as tematizações não se tornaram simples ocorrências e sim foram o germe ou o próprio momento do acontecer. Os anais do I Congresso Nacional de Estudos de Linguística e Literatura, ora publicados e referentes ao Congresso de 1976, refletem toda essa problemática. Ressentem-se, de início, de uma melhor distribuição das matérias, de modo que, ao consultar o índice, o leitor tivesse uma idéia imediata das diferentes matérias em relação a cada disciplina. Desejável também que a revisão não tivesse cochilado tanto. Uma rápida leitura da bibliografia mencionada e de algumas conferências evidencia a influência estruturalista em suas diversas vertentes: isto na Literatura. Temos os estudos "A Carnavalesação no Espaço da Narrativa Brasileira", "O Espaço da Paródia e o Problema da Intertextualidade", "A Poesia de Augusto dos Anjos", "Leitura de Guimarães Rosa", entre outros. De Literatura Portuguesa comparece apenas um estudo panorâmico da prof<sup>a</sup> Cleonice Berardinelli: "A Literatura Portuguesa de Hoje". Os trabalhos sobre Linguística são mais variados na tematização dos seus diversos aspectos e correlações com o ensino da Língua. "A Linguagem Gestual e os Modelos Lingüísticos", "Variação Lingüística e a Dicotomia Sincronia/Diacronia", "Limitações da Gramática Transformacional", "Estrutura Profunda e Estrutura Superficial no Estudo das Ambigüidades", entre outros títulos, podem dar uma idéia dos assuntos discutidos. Alguns estudos são seguidos dos debates feitos com os conferencistas. É louvável o esforço de manter vivo o debate através de tais encontros e ainda mais de assegurá-los à posteridade através da publicação. Pois é com tais esforços que a comunidade cultural amadurece e propicia melhores possibilidades de realização às gerações futuras.

Revista LETRAS TA., dirigida pelo Prof. José Maria de Souza Dantas  
Rio de Janeiro, Sociedade Unificada de Ensino Superior Augusto Motta  
Ano 2, nº 2, 1975 - 76 pp. - Ano 3, nº 3, 1977 - 85 pp.

A Revista Letras TA é mais uma publicação do campo das Letras que vem enriquecer um setor do conhecimento humano. Tais publicações são consequência da recente expansão do ensino universitário e da criação de centros ou entidades universitárias. A Revista Letras TA é órgão da Sociedade Unificada de Ensino Superior Augusto Motta ou SUAM. Sua realização gráfica é cuidadosa e a diagramação é bem feita.

O exame dos dois números que temos em mãos confirma um fato novo no mundo das Letras. A Crítica Literária não está morta, como proclamam alguns, mas viva e bem viva. Apenas está ocorrendo uma grande transformação nas estruturas tradicionais desse fazer. Transformação na maneira de encarar a Crítica e de veiculá-la. Ela abandonou seu habitat tradicional, os grandes jornais, e instalou-se nas numerosas Faculdades de Letras. Essa Crítica Universitária desfez-se do amadorismo impressionista, do enfoque sobretudo judicatório e circunstancial da obra, para propor abordagens teóricas e comprová-las na prática. Exercitada nas salas de aula pelos professores universitários, complementa-se agora com essas publicações especializadas.

Publica a Revista Letras TA, em geral, pequenos ensaios a respeito da Lingüística, ensino do Português, Literaturas, Teoria Literária, etc. Os ensaios, por seu tamanho e despreensão, destinam-se preferentemente aos alunos das Faculdades de Letras. Estes poderão aí encontrar as transcrições das teorias mais em moda e sua imediata aplicação, além de outros estudos de caráter universitário mais tradicional. Daí o aparecimento de nomes já conhecidos assinando artigos, ao lado de outros não conhecidos.

É através de órgãos como Revista Letras TA que as novas gerações de professores e críticos poderão amadurecer e impulsionar a Crítica, os estudos de Lingüística e das Literaturas para mais uma etapa, o que significa afirmar o Homem em sua perenidade e riqueza.

Manuel Antônio de Castro

### **CABEÇA DE PAPEL — de Paulo Francis, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977, 197 pp. (Coleção Vera Cruz).**

Com mais de 20 anos de profissão, o trêfego jornalista Paulo Francis mergulha agora nos sinuosos labirintos da ficção, entregando ao público o seu primeiro romance.

Paulo Francis é um crítico sem concessões. Depois de labutar alguns anos na crítica teatral, onde conseguiu realizar excelentes análises e bons inimigos, ele acabou se voltando naturalmente para a política, tornando-se um verdadeiro "expert" de História Contemporânea (especialmente no que diz respeito à Revolução Russa). O seu inequívoco conhecimento, ostentado "ad nauseum" durante anos, acabou por lhe criar sérios problemas junto ao "establishment". Incompatibilizado, Paulo Francis viajou para os Estados Unidos, onde se tornou um arguto observador da sociedade norte-americana, enriquecendo com seus trabalhos jornais como "Pasquim" e "Folha de São Paulo", além de inúmeras revistas.

A cultura absorvida em excesso por vezes se torna indigesta; daí que o percuciente jornalista resolveu aprofundar caminhos nunca d'antes navegados. Surge o romancista mas, como não estamos frente a um autor comum, o resultado teria que ser fatalmente inusitado. Francis apresenta ao leitor três personagens básicas, uma tríade que, em última instância, compõe o híbrido universo do escritor. Após a leitura, fica-nos a impressão que o romance é uma espécie de "puzzle" que, depois de encaixado nos dá a justa medida do pensamento do autor, ficando de fora o painel teoricamente retratado.

"Cabeça de Papel" procura analisar a atuação da elite brasileira, cultural e econômica, nos últimos 15 anos. Com a viragem das páginas surge um pesado bailado de três personalidades distintas — um jornalista, um editor e um empresário — explicados, e até quase justificados pelo Pigmalião Francis. A elite é vazia, a elite bebe, a elite se droga. Por quê? o autor descreve, não ataca nem defende. A culpa é da conjuntura. . .

Infelizmente, em momento algum o autor solta as suas personagens e, deste modo, somos obrigados a assistir a caudalosas citações literárias, que justificam o talento de Paulo Francis, mas, "escondem" os dados elementares das personalidades em conflito. Infelizmente, o escritor não resiste a uma estranha compulsão que o leva ao brilhante literário de salão; com isso temos um romance preso, com a exclusão das variantes básicas/universais de um romance.

Dostoievski, muito admirado por Francis, dizia que, a partir de dado momento, as personagens não lhe pertenciam, pois ganhavam vida própria, à revelia do autor. Com Paulo Francis dá-se o oposto, os atores são chamados ao romance unicamente para justificar os truismos do escritor. O que se espera é que Paulo Francis reconsidere o seu modo de agir em seu próximo romance, não permitindo que o intelectual — inegavelmente brilhante — prejudique a criatividade do escritor.

José Alberto Braga

**VANGUARDA PRODUTO DE COMUNICAÇÃO, de Álvaro de Sá. Petrópolis, Editora Vozes, 1977 182 pp.**

O presente livro aborda o problema da Vanguarda através de cinco questões principais, algumas teses e entrevistas. O autor é um pesquisador profundamente comprometido com o movimento de Vanguarda, intitulado Poema Processo, e apresentou um dos melhores trabalhos definitórios sobre Vanguarda na introdução de *Poesia de Vanguarda no Brasil* de Antonio Sérgio Mendonça.

Para Álvaro de Sá a Vanguarda pressupõe algumas questões prévias: 1º) a problemática da informação x redundância; 2º) a necessidade de uma questão metodológica; 3º) a Vanguarda como prática e como história; 4º) a oposição entre Vanguarda e Aura e a situação específica do Poema Processo através da categoria de contra-estilo. Destacaremos, ainda, quatro tópicos: 1º) a entrevista Vanguarda e Modernidade, 2º) a problemática arte popular/arte de vanguarda; 3º) o binômio arte/técnica; 4º) a atualíssima questão "quem tem medo da Vanguarda?". Especificamente no que diz respeito a relação entre Vanguarda e Aura, Álvaro de Sá percebe que o processo de descontração instaurador da Vanguarda situa-se na necessidade de desmistificar a autenticidade, unicidade e o valor cultural da arte. Consequentemente a Vanguarda dessacraliza o "encantamento" de tornar próximo "a única aparição de uma realidade longínqua por mais próxima que ela possa estar" (p. 39). O Poema Processo, na categoria de contra-estilo e de versão, procura a descontração questionadora da aura através do uso de novos materiais, segundo a aceção da escola estruturalista de Praga.

No livro de Álvaro de Sá, poderíamos ter destacado várias outras questões. No entanto, desejaríamos finalizar precisando a importância de textos que procuram se constituir numa radical oposição ao neo-macartismo e ao neo-zhdanovismo, tão aliados, tão inscritos em seus equivalentes verdeamarelistas de "gauche" ou não, que, infelizmente, parecem caracterizar os horizontes da ambigüidade cultural brasileira. E não se esqueça o leitor que este é um texto de coragem, fala a "favor da vanguarda" numa época em que o "boom" literário instaurou como palavra de ordem a morte da Vanguarda.

Nadiá Ferreira Mendonça

**A DESCOBERTA DO BRASIL (Estudo Crítico), de J. A. Ferreira Borges. Niterói, Livraria Debates, 1977 160 pp.**

Ressuscitando a antiga e desgastada questão em torno da prioridade e intencionalidade do descobrimento do Brasil pelos portugueses, o açoriano J. A. Ferreira Borges deu-nos um esforço de crítica histórica.

A ausência de formação profissional especificamente ligada à história é suficiente para explicar o centro das atenções do autor, num momento em que a moderna historiografia sobre a expansão portuguesa (Vitorino Magalhães Godinho, Joaquim Barradas de

Carvalho, Luis de Albuquerque, Manuel Nunes Dias, Charles Ralph Boxer) descobre novos objetos e novas formas de abordagem, formulando problemas de maior relevância histórica.

Sem explorar em toda a profundidade os trabalhos clássicos sobre a Expansão dos sécs. XV/XVI, seja nos seus aspectos sócio-económico-políticos (Jaime Cortesão, Damião Peres, Silva Marques, Veiga Simões, Francisco António Correia, João Lúcio de Azevedo, Manuel Múrias), seja no sentido eminentemente técnico (Joaquim Bensaude, Thomaz Oscar Marcondes de Souza, Abel Fontoura da Costa, Gago Coutinho, Avelino Teixeira da Mota, Alberto Iria Jr.) Ferreira Borges produziu um trabalho bem intencionado, patriótico, com o qual pretendeu provar que o desvio da frota cabralina foi intencional e por libertação pessoal do seu comandante.

F. L. Borges Silveira

## MOVIMENTO EDITORIAL

● **O QUE DIZ MOLERO**, de Dinis Machado, é o único best-seller português de após-25 de Abril. Lançado em 9 de maio, pela Livraria Bertrand, de Lisboa, alcança agora a 6ª edição, totalizando a tiragem de 60 mil exemplares. Trata-se da primeira experiência literária de vulto de Dinis Machado (redator da revista "Tintim" e autor, sob pseudónimo, de novelas policiais), que focaliza temas diversos, tais como a infância, as diversas manifestações da cultura de massa, etc., num livro de grande musicalidade cuja classificação vem desafiando a argúcia da crítica especializada: "É mais fácil conjecturar acerca dos motivos de êxito editorial de **O Que Diz Molero**, de Dinis Machado, do que chegar a uma interpretação e a um juízo crítico que nos satisfazam" — declarou o prof. Óscar Lopes. Devendo ser traduzido para todos os idiomas europeus (inclusive do Leste), já está sendo vertido para o alemão.

● Numa edição de Assírio e Alvim, surge o novo livro de E. M. de Melo e Castro — **CÍRCULOS AFINS** —, que marca o seu reencontro com a poesia. Incluindo parte da produção do autor nos últimos 12 anos, traz ainda estudos de Ana Haterly e Maria dos Prazeres Gomes sobre essa mesma produção. Além deste, vale mencionar o seu recente trabalho sobre **DIALÉTICA DAS VANGUARDAS**, publicado em Lisboa (Livro Horizonte, Coleção "Movimento").

● Depois de ganhar o Prémio Ricardo Malheiros de 1975 ("A Floresta em Bremerhaven"), Olga Gonçalves deu-nos um segundo romance sobre tema atual: **MANDEI-LHE UMA BOCA** (Lisboa, ed. da "Seara Nova").

● Saiu o primeiro volume da **HISTÓRIA DE PORTUGAL**, de Joaquim Veríssimo Serrão, que leva o título "Estado, Pátria e Nação" (1080-1415). Projetada inicialmente para três volumes (até 1890), poderá, entretanto, vir a receber o acréscimo de estudos sobre o século XX.

● Dentro do programa de **dinamização cultural** do Ministério da Educação e Investigação Científica, o Instituto de Cultura Portuguesa lançou uma coleção em formato de bolso denominada "Biblioteca Breve", dirigida por Álvaro Salema e tendo na Comissão Consultiva Jacinto do Prado Coelho, João de Freitas Branco e José-Augusto França. Na série "Literatura", já foram publicados este ano: "A Originalidade da Literatura Portuguesa", por Jacinto do Prado Coelho; "Os Livros de Viagens em Portugal no Século XVIII e a sua Projecção Europeia", de Castelo Branco Chaves; "Cronistas do Século XV Posteriores a Fernão Lopes", Joaquim Veríssimo Serrão; "A Geração de 70 — Uma Revolução Cultural e Literária", Álvaro Machado; "O Primitivo Teatro Português", por Luiz Francisco Rebello.

● O nº 38 da Revista **Colóquio/Letras**, editada pela Fundação Calouste Gulbenkian e dirigida pelo prof. Jacinto do Prado Coelho, é dedicado ao cinquentenário da "Presença". Reune poesia e textos de ficção, teatro e ensaio presentista, da autoria de José Régio, Álvaro Manuel Machado, Eugénio Lisboa, Pierre Hourcade, Eduardo Prado Coelho, Edmundo Bettencourt, Álvaro Salema, Fernando Namora, José Gomes Ferreira, António Ramos Rosa e outros.

- **ENSAIOS DE APÓS-ABRIL**, é o mais recente livro de Urbano Tavares Rodrigues, inserto na coleção "Temas e Problemas" (Lisboa; Moraes Editores, 1977 120 pp.).
- Destaque para **OS GRÃO-CAPITÃES**, de Jorge de Sena (Lisboa, Edições 70).
- Tendo reeditado há um ano a "Crónica de D. João III", de Francisco de Andrade, a Lello & Irmão, do Porto, acaba de lançar a luxuosa edição das **CRONICAS**, de Rui de Pina.
- O Prémio Calouste Gulbenkian da Academia Portuguesa da História para a melhor obra sobre História de Portugal do século XVI a XX, foi este ano atribuído ao livro **JEAN BODIN NA PENÍNSULA IBÉRICA – ENSAIO DE HISTÓRIA DAS IDÉIAS POLÍTICAS E DE DIREITO PÚBLICO**, de autoria de Martim de Albuquerque. No dia 15 de julho, foi entregue o prémio "Presença de Portugal no Mundo" aos Académicos Alberto Iria ("Da Importância Geo-política do Algarve na Defesa Marítima de Portugal nos Séculos XV a XVIII") e padre Manuel Teixeira ("Os Militares em Macau").
- 60\$00 é o preço do número especial comemorativo do cinquentenário da revista "Presença", editado por João Gaspar Simões e Alberto de Serpa – **PRESENÇA – FOLHA DE ARTE E CRÍTICA**. Número único. Coimbra, Março de 1977 (Porto, Brasília Editora).
- Sob os auspícios da Fundação de Apoio aos Organismos Juvenís, de Lisboa, foi editada uma **ANTOLOGIA POÉTICA**, de Teixeira de Pascoaes, com 69 pp.
- Manuel Ferreira publicou **A CASA DOS MORTOS** (Editorial Caminho, 210 pp.), romance que antecede a sua experiência cabo-verdiana.
- **CAVALGADA CINZENTA** (Lisboa, Livraria Bertrand, 296 pp.) é um misto de realidade e ficção com que Fernando Namora relata, de forma romancada, as suas impressões de viagem aos Estados Unidos.
- A Livraria Sá da Costa, de Lisboa, lançou uma **ANTOLOGIA DA POESIA AÇORIANA DO SÉC. XVIII A 1975**, com seleção, prefácio e notas de Pedro da Silveira (Coleção "Vozes do Mundo").

- Com uma nota introdutória de David Mourão-Ferreira, saiu a 11ª edição da **MENSAGEM**, de Fernando Pessoa – Lisboa, Edições Ática, s/d 108 pp. (Obras Completas de Fernando Pessoa, V).
- Publicado o 1º vol. do **TRABALHO POÉTICO**, de Carlos de Oliveira (Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora).
- O historiador brasileiro Carlos Henrique Oberacker Jr. publicou em Portugal **O MOVIMENTO AUTONOMISTA NO BRASIL – A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO DE 1819 A 1823. O GRITO DO IPIRANGA**. – Lisboa, Edições Cosmos, 1977 350 pp. (Coleção "A Marcha da Humanidade", diríg. por V. Magalhães Godinho – Seção V, nº 4).
- Um dos livros que vêm causando maior polémica no Brasil é **IDEOLOGIA DA CULTURA BRASILEIRA** (1933-1974), de Carlos Guilherme Mota, professor da Universidade de São Paulo.

## presença

folha de arte e crítica  
coimbra, março, 1977



um desenho de JULIO

cinquentenário

NÚMERO  
ÚNICO

1927-1977

- A Livraria Camões, do Rio de Janeiro, publicou recentemente um importante repertório histórico: **INQUISIÇÃO – INVENTÁRIOS CONFISCADOS A CRISTÃOS NOVOS**, da drª Anita Novinsky, com 286 pp.
- Entre os livros mais vendidos na Livraria Camões (Rio de Janeiro, Rua Bittencourt da Silva – Edifício Av. Central) estão: "Antologia da Novíssima

Poesia Portuguesa”, de Alberta Meneres; “Limite de Idade”, Vitorino Nemésio; “Alegria Breve”, Vergílio Ferreira; “O Sermão do Fogo”, Augustina Bessa Luís; “As Boas Intenções”, “Quatro Paredes Nuas” e “Bolor”, de Augusto Abelaira; “Os Amantes e Outros Contos”, David Mourão-Ferreira; “Xerazade e os Outros”, Fernanda Botelho; “A Nave de Pedra”, Fernando Namora; “O Delfim”, José Cardoso Pires; “Terra Trazida”, Manuel Ferreira; “As Raízes do Futuro”, José Régio; “O Neo-Realismo Literário Português”, Alexandre Pinheiro Torres; “Guerra Santa” e “Felizmente Há Luar”, Luís Sttau Monteiro; “Estatuto e Perspectiva do Narrador na Ficção de Eça de Queiroz”, Carlos Reis; “Poesias”, Fernando Pessoa.

● O Real Gabinete Português de Leitura acaba de publicar o primeiro volume do seu **BOLETIM BIBLIOGRÁFICO**, com 213 pp., que contém importantes indicações, sobretudo para os professores universitários das áreas de Literatura e Ciências Sociais.

● **RAIZES** é o nome da nova revista cultural lançada na República de Cabo Verde (C.P. nº 98, Praia — Santiago), sob a direção de Arnaldo França. Revelando todo o vigor da negritude, o nº 1, de janeiro/abril de 1977, apresenta ensaios, ficção e poesia crioula.

● O Centro de Estudos Africanos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo lançou este ano, através da Coordenadoria de atividades Culturais, dois importantes levantamentos bibliográficos:

**CONTRIBUIÇÃO A UMA BIO-BIBLIOGRAFIA DE CASTRO SOROMENHO**, por Fernando Augusto Albuquerque Mourão e Maria Angélica Rodrigues Quemel (São Paulo, 1977 72 pp.); e **CONTRIBUIÇÃO A UMA BIBLIOGRAFIA DE BIBLIOGRAFIAS SOBRE O CONTINENTE AFRICANO**, de Fernando Augusto Albuquerque Mourão e Cecília Silva Moraes (São Paulo, 1977 141 pp.).

**Composição e Impressão**  
**IMPRINTA**  
**Rua Sacadura Cabral 107**  
**Tel. 243 2647 Rio de Janeiro RJ**  
**Programação**  
**Alberto Augusto Pereira**